

Maioria pode ser um sonho

Scheila Bernadete

03 NOV 1981

O mandato do Presidente da República está em jogo no Senado. Experientes, os líderes governistas articulam a formação de um novo bloco para garantir a maioria de Collor, na Casa que sempre deu sustentação ao Executivo. Os oposicionistas acham difícil, sem um plano alternativo e um combate rigoroso à corrupção. Por falta de apoio parlamentar o ex-presidente Jânio Quadros acabou renunciando em 25 de agosto de 1961.

Collor também enfrenta problemas: o Emendão foi rejeitado a priori e a antecipação do plebiscito sobre o regime e o sistema de governo passou sem problemas pelos senadores. Os líderes governistas afirmam que Collor tem o apoio concreto de 38 senadores — do total de 81. São os que compõem o bloco do governo: PFL (17); PRN (5); PTB (8); PDC (4) e PDS (5). "Este é um grupo consolidado e a partir dele podemos pensar em composições", ressalta o senador Marco Maciel, líder do Governo.

Maciel sabe que sua informação é discutível, pois esta base, na realidade, é composta por um número bem menor, devido ao descontentamento de partidários do próprio PFL, PDS e PDC com a pouca atenção do Governo aos políticos em suas ações ministeriais. "Dentro deste, existem, pelo menos, uns 12 bois manhosos", confirma o vice-líder governista, senador Ney Maranhão.

Maranhão revela que o primeiro passo será exatamente recuperar "os manhosos", através de "um carinho especial". Ao contrário do ministro Jarbas Passarinho, coordenador político do Governo, que admite a teoria franciscana (dando é que se recebe), o senador afirma que sua tese é um pouco diferente. "Vamos apenas indicar os nomes para os cargos do Executivo que estiverem necessitados. O mais preparado será escolhido pelo Presidente".

Pulo do gato

O próximo ato, segundo Maranhão, deverá estar concluído dentro de 15 dias: convencer "pelo menos sete oposicionistas, que tenham afinidades com o Governo".

Ele evita revelar os nomes, "para não estragar o pulo do gato". Mas demonstrou ter um alvo: os tuca-nos empolgados com o parlamentarismo podem ser os senadores José Richa (PR), Jutahy Magalhães (BA), o próprio líder, Fernando Henrique Cardoso, e outros do PMDB, como Irapuam Costa Júnior (GO) e Aluizio Bezerra (AC).

O senador Fernando Henrique Cardoso descarta qualquer tipo de coalizão com o governo Collor. Mas se mostra disposto a votar eventualmente com o Executivo, nas questões de interesse nacional. "O entendimento não pressupõe adesão dos partidos a posições políticas atualmente sustentadas pelo presidente Collor. Será preciso que todos se sentem em torno de uma mesa sem atitudes preconcebidas; dispostos a transigir na formulação de uma política comum para o País".

É isto que os governistas pretendem, na explicação de Maciel: o Governo está organizando a base e não a maioria, que é eventual. O senador Esperidião Amin (PDS-SC), um dos "bois manhosos" que comporão eventualmente a base governista, diz que agora a situação é diferente, pelo caráter não ideológico deste novo grupo. "Não será um apoio incondicional ao Governo".

Maioria

Indiferente aos desgarrados do rebanho governista, por ser maioria, a oposição computa 45 votos favoráveis no Senado: 27 do PMDB, 9 do PSDB, 8 do PDT, 1 do PSB e 1 do PT. "Mas nas matérias que não têm questões fechadas, existem companheiros nossos que votam com o Governo", ressalta o líder do PMDB, senador Humberto Lucena.

O líder peemedebista acha difícil o Governo obter maioria no Senado, através da criação deste novo bloco de sustentação. "A não ser que as medidas sejam consensuais, não partindo de Collor, mas de toda a sociedade". Segundo Lucena, as oposições, e seu partido em especial, "não têm interesse em participar de um Governo que está sendo acusado de atos de corrupção, sem que nenhuma providência tenha ocorrido neste sentido".